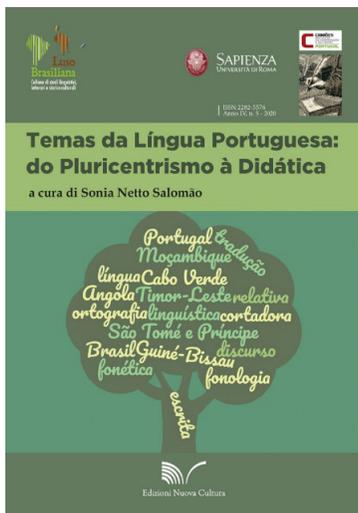


RESENHA DE *TEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA: DO PLURICENTRISMO À DIDÁTICA*. DE SONIA NETTO SALOMÃO (COORD.). ROMA: EDIZIONI NUOVA CULTURA, 2020

Daniel Ferreira



Sob a chancela da Edizioni Nuova Cultura, o volume em apreço, *Temas da Língua Portuguesa: do Pluricentrismo à Didática* (2020), surge a propósito das comemorações do vigésimo aniversário de criação da Cátedra Padre António Vieira, da Sapienza Universidade de Roma. Organiza a coletânea Sonia Netto Salomão, Titular de Linguística e Tradução Portuguesa e Brasileira nessa instituição de ensino e Diretora da respetiva cátedra do Instituto Camões.

O volume reúne uma série de trabalhos cujos temas de investigação estão enquadrados na área dos Estudos de Linguística e Linguística Aplicada de língua portuguesa. Os assuntos propostos vão desde a variação e as variedades do português a questões metodológicas do seu ensino, seja como língua materna ou como língua estrangeira. São no total 14 artigos cuja apreciação segue na continuação desta recensão crítica.

No início, “Os espaços do português” (p. 15-33), de Ivo Castro (Universidade de Lisboa), debruça-se sobre a evolução histórica da língua portuguesa. O linguista comenta as alterações ocorridas no mapa dos dialetos portugueses no território continental europeu, concluindo que a concentração da população na faixa atlântica do país acarreta efeitos no comportamento linguístico dos portugueses. Deste jeito, prevê Ivo Castro, “estão criadas as condições para que, a médio prazo, seja esbatido o contraste tradicional entre dialetos rurais do norte e do sul do país, e se defina um outro tipo de contraste entre litoral e interior do país, com dominância no litoral urbano, de norte a sul, de um standard que não é percebido como norma da capital, e menos ainda como norma culta, mas como uma plataforma mediana a que todos tendem a converter-se” (p. 30-31).

Depois, o artigo “A relatinização do português: problemas e desafios” (p. 35-51), de Esperança Cardeira (Universidade de Lisboa), contribui para o estudo dos latinismos portugueses. No seguimento dos trabalhos de Correa da Silva (1931), no *Ensaio sobre os Latinismos de Camões*, a autora analisa o fenómeno de relatinização das palavras: *digno*, *fulgente* e *esquisito*. Para o efeito, a investigação apoia-se em fontes textuais literárias, compiladas na base de dados, em linha, *Corpus do Português*. Ademais, o estudo frisa a ausência de uma sistematização dos latinismos na língua portuguesa e, ainda, a inexistência de uma tipologia adequada para a sua classificação. Na verdade, “falta, para a língua portuguesa, um dicionário que não seja apenas etimológico mas, verdadeiramente, histórico” (p. 48), remata Esperança Cardeira.

O trabalho que se segue, da lavra da organizadora do volume, intitula-se “Aspectos linguísticos e culturais da tradução: o complexo tema do sentido” (p. 53-75). Nele, Sonia Netto Salomão (Sapienza Universidade de Roma) explora as relações entre o significado e o sentido no ato de tradução. A autora prova a sua visão mediante o recurso a textos literários, designadamente de clássicos das literaturas brasileira e portuguesa — *Dom Casmurro* (1889), de

Machado de Assis; *O Crime do Padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós; *Grande Sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa —, cujas traduções têm como língua de chegada o italiano. A tradução, como enfatiza Netto Salomão, exige uma compreensão contextualizada do texto, pelo que não se limita ao respeito pelo significado linguístico do mesmo.

Na continuação, Simone Celani (Sapienza Universidade de Roma) explora como a gramaticografia ocidental, desde os gramáticos latinos, deriva de um processo simultâneo de tradução e adaptação da produção metalinguística, num contínuo ajuste de nomenclaturas e paradigmas a um novo contexto de receção. Em síntese, o estudo (p. 77-89) aporta considerações oportunas sobre o processo de gramaticalização da língua portuguesa desde a sua génese.

João Veloso (Universidade do Porto), noutra vertente, investiga as relações entre a realização gráfica, a ortografia, e as realizações fonológicas da língua, no artigo “O conhecimento ortográfico como determinante de representações fonológicas problemáticas em português” (p. 91-103). O estudo observa especificamente a divisão silábica de sequências /SC/ mediais do português, junto a um grupo de crianças em início de escolarização (1.º e 2.º anos de escolaridade no sistema educativo português). No

1.º ano, numa fase muito incipiente da alfabetização, os resultados da translineação são um tanto aleatórios. Mas, no 2.º ano, após o ensino das regras de translineação gráfica, os resultados da divisão silábica são a prova da influência que o conhecimento ortográfico exerce sobre o conhecimento fonológico da língua.

De seguida, Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense) empreende uma investigação que tem como objeto de estudo três enciclopédias brasileiras (p. 105-129): *A Enciclopédia Brasileira* (1939), de Mário de Andrade; *Enciclopédia Brasileira* (1957), de Euryalo Cannabrava; *Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira* (1985), de Antonio Houaiss. A partir da premissa de que “[u]ma enciclopédia é um instrumento de linguagem com uma direção pedagógica, construído com a pretensão de apresentar o que supostamente seriam saberes acumulados com valor universal” (p. 107-108), a autora afere como, na ótica da análise do discurso, a pluralidade da cultura e da língua surge nos três projetos, enquanto elementos característicos da identidade nacional brasileira. Na opinião de Bethania Mariani, a proposta mais inovadora pertence a Euryalo Cannabrava.

Logo depois, o artigo “Sintaxe do português do Brasil: entre a fala espontânea e a escrita padrão” (p. 131-151),

de Maria Eugênia Lammoglia Duarte (Universidade Federal do Rio de Janeiro), discute o fenômeno de codificação do Português do Brasil (PB), em finais do século XIX, pelas regras gramaticais do Português Europeu (PE). O estudo, ainda que limitado ao quadro dos pronomes pessoais, atesta os cursos divergentes, tanto à época como hoje, do PE e do PB, e o conseqüente afastamento que se constata entre a gramática da fala e a gramática da escrita no Brasil. No entanto, como sublinha a autora, verifica-se atualmente uma tendência para a convergência entre gramáticas: “À medida que os estudos linguísticos se desenvolvem e o acesso à escola se amplia, podemos esperar que a escrita fique ainda mais permeável aos traços sintáticos da gramática brasileira” (p. 148).

A respeito de outras geografias, Maria João Marçalo (Universidade de Évora) discorre sobre o caráter pluricêntrico do português e as suas implicações em Angola e em Timor-Leste (p. 153-164). No seu ponto de vista, urge a valorização e a reflexão sobre outras variedades da língua portuguesa, tais como a angolana e a timorense. Será que existe uma língua portuguesa angolana ou uma língua portuguesa timorense? Talvez seja ainda prematuro o seu decreto, mas “[é] expectável que os povos dos países onde o português é língua oficial, mas não língua materna

da maioria da população, tendam a ‘construir’ uma norma própria expressiva das características peculiares dos seus usos da língua portuguesa” (p. 162), conclui a linguista.

Não muito distante no mapa-mundo, Francesco Genovesi (Sapienza Universidade de Roma), no artigo “Multilinguismo e educação: a política moçambicana à luz duma perspectiva pan-africana” (p. 165-179), avalia o desafio educativo que Moçambique enfrenta atualmente enquanto comunidade multilingue. Desde logo, veja-se o conflito entre as línguas nacionais (L1) e a língua portuguesa (L2). O português, língua oficial da nação e língua vinculativa de ensino, não representa a língua materna da maioria da população. Na escola, este conjunto de circunstâncias efetiva-se, entre outras consequências, na ausência de vínculo efetivo entre discentes (e, inclusive, docentes) e a L2. No entanto, a constatação dos entraves ao uso do português, não invalida a pertinência de certos projetos de ensino bilingue implementados no país, cujos resultados são auspiciosos.

No plano pedagógico, o contributo de Neusa Barbosa Bastos e Nancy dos Santos Casagrande (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) reflete sobre a importância do ensino do português para estrangeiros numa dinâmica cultural. O estudo em questão (p. 181-

193) apresenta muito sucintamente certa prática letiva, particularizando-se a exploração didática da visita guiada para um contacto imersivo do aprendente na língua-cultura-alvo.

A seguir, o artigo “Fonética e fonologia: teoria e prática no ensino do português” (p. 195-214), de Carolina Serra e Dinah Callou (Universidade Federal do Rio de Janeiro) versa, numa atitude pedagógico-didática, sobre a relação fala/escrita e o ensino da língua portuguesa. Não por acaso, como pertinentemente se advoga, a aquisição de conhecimentos fonéticos e fonológicos revela-se vital na formação dos professores de português (L1/L2), preparando os professores de amanhã tanto para o respeito pela pluralidade da língua como para o tratamento da sua diversidade na sala de aula. O que se manifesta, obviamente, no conhecimento intrínseco das principais características fonéticas da língua portuguesa, descritas no *Atlas Linguístico do Brasil* (CARDOSO *et al.*, 2014).

O trabalho de Cláudia Silva (Sapienza Universidade de Roma), “Vogais e ditongos nasais: descrição e propostas didáticas para aprendentes do português como língua estrangeira” (p. 215-226), resulta do reconhecimento de dificuldades observadas em aprendentes italianos

de português como língua estrangeira, na diferenciação sistemática entre vogais e ditongos nasais. Para este caso, a autora propõe uma útil sequência de atividades para o treino destas unidades, dirigida a estudantes universitários nos níveis B1/B2 (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

Depois, Patrícia Ferreira (Sapienza Universidade de Roma) prova a utilidade e a versatilidade do tema da gastronomia na aula de português como língua estrangeira (p. 227-242). A autora explora os usos de recursos sobre a gastronomia em métodos didáticos da área, numa dada seleção de manuais e materiais complementares, comumente utilizados em cursos da variante europeia. A investigação revela que o tema surge na totalidade dos materiais considerados, embora numa frequência variável entre os níveis de proficiência. O enfoque da gastronomia em aula revela-se uma estratégia didática muito vantajosa, visto que o tema se materializa numa vasta variedade de géneros textuais e se adapta prontamente a atividades para todos os níveis de proficiência. Em termos gerais, não só estimula o desenvolvimento de competências comunicativas como (inter)culturais.

No final, Michela Graziosi (Sapienza Universidade de Roma) analisa aspetos da língua literária na obra de

Graciliano Ramos (p. 243-256), nomeadamente o uso do diminutivo com o sufixo *-inho/a* em *Vidas Secas* (1938) e, igualmente, as implicações socioculturais do léxico de Paulo Honório, personagem principal de *São Bernardo* (1934). No fundo, a autora testemunha a originalidade da ficção de Graciliano Ramos.

Em conclusão, o presente volume aporta contribuições relevantes para a investigação em curso sobre o pluricentrismo da língua portuguesa e a sua didática nas mais variadas perspetivas. Na maioria dos casos, como se comprovou nesta apreciação, são explorados objetos de estudo originais e inovadores. Trata-se de uma leitura muitas vezes exigente, dada a variedade de temas, mas muito proveitosa.

Referências

- CARDOSO, S. *et al.* (Eds.). *Atlas Linguístico do Brasil – Volume 1 – Introdução / Volume 2 – Cartas linguísticas*. Londrina: Eduel. 2014.
- CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Lisboa: Asa. 2001.

Daniel Ferreira

Mestre em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, pela Universidade do Porto, 2019.

E-mail: up201109542@letras.up.pt